



Psicanálise de casal e família

Reflexões latino-americanas

Organizadoras: Adriana Navarrete
Bianchi e Paulina Zukerman
Editora: Blucher, 2024, 322 p.

Resenhado por:
Nilton Cesar Bianchi,¹ Ribeirão Preto, SP

Resultado da cooperação afinada entre Adriana Navarrete Bianchi e Paulina Zukerman, este livro é uma compilação de artigos apresentados em diversos eventos científicos ocorridos na América Latina em torno de temas ligados à psicanálise de casal e família, o que o torna, assim, uma espécie de documento que registra tanto a produção científica quanto a expansão desta, que vem, progressivamente, se consolidando como uma nova e pujante área da psicanálise no âmbito da investigação das problemáticas de funcionamento e dos processos de subjetivação de casais e famílias, dentro de um contexto epocal tremendamente desafiador para essas duas entidades culturais e relacionais, que representam tradicionalmente uma função estruturante para diferentes instâncias da sociedade, um papel enquadrante e de suporte para os vínculos interpessoais, e um referencial para a formação de representações nos planos individual e coletivo.

A leitura da obra permite constatar que a abordagem psicanalítica de casais e famílias tem se constituído num instrumento terapêutico relevante, que, com suas teorias e técnicas específicas, mostra-se capaz de acolher uma crescente demanda de queixas que antes eram pouco comuns nos consultórios analíticos dedicados ao atendimento individual. Como exemplo disso, é possível citar as famílias com filhos isolados e adictos a jogos e redes sociais, os conflitos interpessoais surgidos com a pandemia, a confusão de papéis em casais e famílias, a questão da conflitiva geracional e os graves problemas de comunicação interpessoal, as famílias narcisicamente organizadas etc.

Não se pode, entretanto, resenhar este livro, intimamente vinculado à atividade científica da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), sem citar o trabalho da Comissão de Psicanálise de Casal e Família (CPCF-Fepal), coordenada por Adriana Navarrete Bianchi à época da publicação da obra.

1 Psicanalista. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

De fato, todos os artigos nele reunidos foram apresentados num período de dois anos – de 2022 a 2024 – para atender, majoritariamente, às atividades propostas por essa comissão, ou nas quais ela esteve, de algum modo, envolvida. Assim, ele pode ser visto como uma espécie de fotografia através da qual se reflete um panorama de como vêm sendo formuladas e elaboradas diferentes questões relacionadas a casais e famílias *por meio de uma composição multidisciplinar e plural*. Nesses termos, da maneira como foi estruturado, ou seja, composto por artigos e assuntos independentes entre si, o livro não obriga a uma leitura linear e sequencial, permitindo que o leitor passeie pela diversidade polissêmica dos artigos de acordo com os interesses pessoais e as necessidades do momento.

Para dimensionar a contribuição da obra no âmbito atual da psicanálise latino-americana – já que agrupa autores de todas as regiões do continente –, recorro às palavras de Marina Massi, coordenadora científica da série Fepal:

Compartilhamos da necessidade de, como psicanalistas, conhecer o mundo ao qual pertencemos, de forma mais encarnada, colaborar com nossos pacientes, com os casais e famílias, com o trabalho em instituições, comunidades, grupos, e desenvolver nossa escrita analítica, que é o nosso ofício e arte. (p. 5)

Quanto ao seu conteúdo, o livro está dividido em quatro seções: “Encontro ENTRE”, “Plenária do 34º Congresso Fepal: *Transitoriedades e incertezas*”, “Trabalhos apresentados em diversas instituições na América Latina” e “2ª Jornada IPA-Fepal”. Nelas, os artigos abordam temas como a história da família e do amor, a violência, o transgeracional, o suicídio, as relações passionais, os vínculos, as transitoriedades, a psicosfera, a prática clínica, a constituição e a subjetivação do sujeito na contemporaneidade, entre outros.

Descritivamente, a seção “Encontro ENTRE” engloba os textos apresentados em atividades semestrais homônimas realizadas pela CPCF, que tiveram como finalidade principal promover o diálogo e o intercâmbio teórico entre a psicanálise e outras áreas das humanidades. A seção é composta por oito artigos, cujas temáticas são: “Encontro ENTRE: história e psicanálise (Famílias: passado e presente)”; “Encontro ENTRE: arte e psicanálise” (Casal e família: o íntimo e o público); “Encontro ENTRE: literatura e psicanálise (Casal e família através do tempo: ficções e realidades)”; e “Encontro ENTRE: antropologia e psicanálise (O mundo pós-pandemia)”.²

Para compreender o leitmotiv da seção “Encontro ENTRE”, que aliás atravessa a obra como um todo, transcrevo o que diz Bianchi no prefácio:

2 É interessante registrar que o termo *entre* aqui utilizado é apologia a um conceito da psicanálise vincular, elaborado por Janine Puget e Isidoro Berenstein para referir-se a um fenômeno instantâneo que surge no espaço do encontro entre dois ou mais sujeitos, que acontece espontaneamente e que está na base da vinculação entre eles.

Entendemos que há um espaço rico a ser explorado, um ENTRE. Cada uma dessas afirmações categóricas pode corresponder à constatação de uma realidade específica; mas, separadamente, ela certamente não abrange toda a complexidade das múltiplas realidades existentes. Se ousarmos caminhar no ENTRE, esse “centro” vazio, esse espaço entre dois, sempre oscilante, certamente teremos mal-entendidos, sempre possíveis, mas também surpresas inusitadas. (p. 15)

A seção “Plenária do 34º Congresso Fepal: *Transitoriedades e incertezas*” agrupa quatro artigos de autores (uma antropóloga, um filósofo e duas analistas) que se debruçam sobre o tema central “Amor/amores: transitoriedades e incertezas nos vínculos”. Já a seção “Trabalhos apresentados em diversas instituições na América Latina” é aquela com o maior número de artigos (10 no total) e temáticas mais variadas, que vão de aspectos históricos a reflexões eminentemente clínicas, passando naturalmente por questões teóricas. Por último, a seção “2ª Jornada IPA-Fepal” (derivada do evento que foi concebido por meio de uma parceria inédita entre comissões de duas entidades psicanalíticas diferentes, a Cofap-IPA e a CPCF-Fepal) tem como tema norteador “Psicanalistas trabalhando com casais e famílias: dispositivos de subjetivação contemporâneos”, estando constituída por dois artigos.

Entre as quatro seções citadas, distribuem-se, ao todo, 24 textos de 32 diferentes autores, o que infelizmente torna impossível, no espaço desta resenha, tecer comentários sobre cada um deles, pois tratam de temáticas diversas, sob diferentes enfoques teóricos e a partir de distintas áreas do saber, o que, desde certo ponto de vista, compõe um curioso mosaico de recortes de ideias muito estimulantes.

Ainda assim, vale ressaltar que o livro parece cumprir um duplo escopo geral, que é o de investigar e o de expandir as fronteiras da psicanálise de casal e família, alavancado pela perplexidade e pelos desafios que as demandas de uma hipermodernidade caótica impõem ao trabalho analítico. Isso implica, como de certa forma dito anteriormente, que este seja um material de interesse não somente para aqueles que se dedicam ao trabalho com casais e famílias, mas para aqueles que trabalham em quase todas as outras áreas da psicanálise.

Num tempo de cisões e fragmentação, é simbólico que esta obra concate diferentes enfoques teóricos em psicanálise de casal e família com olhares “outros”, “estrangeiros”, de áreas variadas do pensamento. Nesse sentido, atende à necessidade de abrigar aquilo que André Green chamou de pensamento contemporâneo e complexo.

O acento na produção latino-americana é outro aspecto que precisa ser enfatizado, por colocar em relevo a potência e a fertilidade da reflexão teórica atual no continente. Atinente a isso, e ao propósito de incentivar a discussão e o intercâmbio regional de ideias na área, é válido assinalar o fato de a editora

Blucher ter publicado o livro também numa versão em espanhol, o que aponta a importância de tornar a obra acessível a todas as sociedades componentes da Fepal em sua língua nacional.

Ao ser a consecução de uma trajetória histórica de múltiplos esforços, é possível considerar que este livro representa a continuidade e também uma homenagem ao trabalho corajoso e inovador de um grupo pioneiro e visionário de analistas latino-americanos (Isidoro Berenstein, Janine Puget, Sonia Kleiman, entre outros), que tiveram papel seminal na consolidação teórica e institucional da área de psicanálise de casal e família. Apresento o que escreve Adriana N. Bianchi ao referir-se à contribuição desse grupo:

Como porta-vozes de toda uma produção de psicanalistas latino-americanos, alcançaram uma conquista muito importante ao ganharem reconhecimento institucional nessa área do pensamento e da prática psicanalítica, que era considerada extramuros. Essa conquista é ainda mais emblemática quando se constata que foi na Fepal onde, pela primeira vez no mundo, se criou formalmente uma comissão de casal e família. ... Talvez a América Latina, por ser uma encruzilhada de diferentes povos e migrantes, seja mais permeável à ousadia. ... De qualquer forma, é uma fonte de ideias originais, especialmente nessa área, capaz de oferecer novas visões e perspectivas, acostumada como está às expressões às vezes dramáticas de nossa realidade em constante transformação. (p. 14)

Para finalizar, quero dizer que a leitura desta obra reforça a ideia de que a psicanálise, por seu caráter originariamente subversivo, e através de sua criatividade e capacidade de renovação, é um potente instrumento da e para a cultura, no auxílio e no acolhimento a um sujeito contemporâneo que se encontra esvaziado, dessubjetivado, desamparado, “coisificado” e carente de (re)humanização por estar navegando num profundo e tormentoso oceano de incertezas, devido aos maciços desabamentos estruturais internos e externos, ao sequestro promovido pelas mídias sociais e à submissão a novas tecnologias – por exemplo, a inteligência artificial e a internet das coisas –, o que o faz sentir-se “obsoleto” e praticamente desnecessário (inútil) no plano liquefeito da lógica do atual entorno sociocultural.

A quem o contexto atual (que já não é mais a era da angústia, mas a da desesperança) deixa perplexo, intrigado e desafiado, convido a tomar contato com as reflexões contidas neste livro.